

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 8 — SÃO PAULO - NOVEMBRO DE 1953 — ANO I

SUPERANDO A FASE INDIVIDUALISTA

Dia a dia, vamos sendo forçados a melhor compreender a necessidade do movimento de unificação. Quando este movimento surgiu, simultaneamente, na capital e no interior, grande número de espiritas compreenderam de pronto o seu alcance e a sua finalidade. Não obstante, houve também os que não puderam compreender nem uma nem outra coisa, e os que, por motivos diversos encararam a iniciativa, como se diz na gíria, "com um pé atrás". Hoje mesmo, não obstante os frutos já alcançados pela batalha da unificação, ainda existem os que duvidam do êxito do movimento e os que desconfiam da legitimidade dos seus objetivos. Graças a Deus, porém, são agora em número tão reduzido, que não chegam a constituir empecilhos para a marcha gloriosa da unificação.

Entretanto, justamente a esta altura dos acontecimentos, é quando mais devemos estar alertas. O otimismo fácil pode abrir perigosas brechas no nosso movimento, deixando que por elas se infiltrem as forças deletérias, capazes de minar toda a estrutura dificilmente construída nestes últimos anos de incessante trabalho. Nossos companheiros de todo o interior, capazes de compreender a importância do movimento de unificação, devem empenhar todos os seus esforços, no sentido de não permitir que as UMEs e os Conselhos Regionais deixem de se reunir normalmente, e de promover os trabalhos em conjunto, como as semanas espiritas e outros movimentos, que tanto contribuem para o estímulo da luta em comum.

Não podemos perder de vista que a propagação do Espiritismo se fez de maneira individualista, sem nenhum plano e sem nenhuma unidade, a não ser a da base doutrinária, essa mesma nem sempre suficientemente compreendida. Até há poucos anos, o movimento espirita era um processo desconexo. Cada Centro funcionava isolado em suas quatro paredes, sem saber o que se passava nos outros e não raro, "com raiva de quem o soubesse". As semanas espiritas, as concentrações e outros movimentos dessa natureza surgiam do espírito fraterno e compreensivo dos mais adiantados, dos mais esclarecidos, mas quase sempre contando com a hostilidade de grande número. E, passado o momento ocasional de reunião, cada qual voltava para o seu trabalho, fechando-se de novo entre as paredes do seu Centro, sem que daqueles movimentos restassem mais do que algumas fotografias, para o álbum da saudade.

O USE representa o órgão surgido para efetuar a transição de uma fase para outra do movimento espirita. Com ela, o Espiritismo deixa de ser um processo desconexo e caminha firmemente para a unificação. Era inevitável que esse organismo, surgido assim, num momento de transição e para servir a esse momento, encontrasse dificuldades. O homem é um animal rotineiro, apegado às facilidades e comodidades, inimigo de inovações e modificações na sua forma de viver e de agir. Os espiritas, pelo simples fato de compreenderem a natureza espiritual do homem, não poderiam fugir a essa lei geral, que se manifesta em todas as coletividades humanas. Assim, os primeiros impulsos dados pela USE, no sentido de romper a velha rotina dos trabalhos individualistas, tinham de encontrar, como de fato encontraram, dificuldades de várias espécies. Pouco a pouco, porém, essas dificuldades foram sendo superadas, e hoje já nos podemos alegrar com o ritmo insigavelmente novo em que o movimento espirita se vai processando.

O trabalho das UMEs, em várias cidades, tem dado os melhores resultados, criando um novo ambiente para as atividades espiritas. Não só a união dos Centros Espiritas em torno desses organismos vem beneficiando os próprios Centros, como também demonstrando à população não-espirita a extensão da importância do movimento doutrinário. Por outro lado, a prática da fra-

ternidade vem revelando a sua extraordinária capacidade de produzir, gerar e impulsionar energias novas e renovadoras. Trabalhando em conjunto, trocando idéias, permutando impressões e sugestões, nossos companheiros de ideal vão aprendendo a encontrar, nessa nova forma de prática do Espiritismo, uma fonte maravilhosa de inspiração e de estímulo para todos.

E' natura' que ainda tenhamos dificuldades, e que nem sempre as UMEs e os Conselhos Regionais, no interior, e as UDES e o Conselho Metropolitano, na capital, consigam funcionar a contento, produzindo como deviam e contentando a todos. E' natural que o próprio Conselho Deliberativo Estadual e a Diretoria Executiva se resintam de falhas e tropeços na execução de suas tarefas. E' natural que a Secretaria nem sempre funcione com a precisão desejada. Nossos companheiros do interior e da capital devem compreender que assim terá de ser, até que atinjamos o nível superior de organização, que todos almejamos. O mundo não foi feito num dia, diz o ditado. A USE não está organizada, mas em fase de organização.

Sabemos, por exemplo, que os confrades do interior se ressentem da falta de uma

EVANGELHO E ESPIRITISMO

LUIZ MONTEIRO DE BARROS

O Evangelho será o código de ética da vida humana, pois ele encerra em seus textos magníficos, a maneira ideal de o homem viver isolada ou coletivamente. Toda a tarefa de Jesus foi no sentido da redenção humana, redenção esta que consiste na mudança do plano da materialidade para o plano da espiritualidade.

Se deixar de dar ao corpo físico e às coisas do mundo material o seu verdadeiro valor, Jesus nos convida a vivermos, de agora por diante, no plano de uma espiritualidade de cada vez mais profunda, até que seja atingido aquele estado superior em que, não havendo mais necessidades kármicas para a sua encarnação, o espírito trague a morte na vitória.

Essa ingente tarefa de redenção espiritual demanda esforços permanentes e renuncia aos prazeres e aos tesouros com que nos habituáramos no decorrer de nossas vidas passadas. Esse hábito, enraizado em nós pelo exercício constante de muitos séculos, constitui o nosso *habitat* natural, o *habitat* a que nos acostumamos, pois como temos pósto nas cousas da vida material o nosso tesouro, aí temos pósto também o nosso coração.

Romper com tais hábitos não é tarefa superficial e nem rápida; demanda meditação, esforço, perseverança, fé firme no futuro espiritual, humildade para enfrentar o preconceito social, desejo ardente de uma vida mais idealista, mais altruísta, mais simples e mais de acôrdo com o Plano Divino de aperfeiçoamentos progressivos. A luta, pois, se trava dentro de cada criatura quando esta resolve se transformar no homem novo do Evangelho.

Todos nós temos, dentro de nós mesmos, essas duas personalidades antagônicas: a do passado, que já fomos, e a do futuro, que queremos vir a ser.

As doutrinas filosófico-religiosas reencarnacionistas esclarecem profundamente esse magno problema da reforma interior e das lutas íntimas entre a consciência e a sub-consciência, isto é, entre os ideais que hoje queremos realizar e os que no passado realizamos, sempre, num caso e no outro, com o objetivo de conquistarmos e consolidarmos nossa felicidade.

Nesse sentido, com a clareza do princípio das reencarnações, princípio que pertence à grande lei da evolução espiritual, o Espiritismo traz ao homem espiritualista do ocidente as luzes que lhe iluminam tanto o seu passado como o seu presente e o seu futuro, e o Evangelho do Cristo lhe mostra como deve viver para, resgatando as dívidas espirituais contraídas no passado pelo mau uso do seu livre arbítrio frente ao Plano Divino da Vida, assegurar a sua paz, a sua felicidade estável no futuro. O Espiritismo ilumina os caminhos a serem percorridos pelo espírito, forçando a inteligência humana à aceitação da existência do espírito e de um plano de evolução espiritual previamente elaborado pelo Ser Supremo; o Evangelho ensina como deve o espírito humano percorrer esses caminhos. O Espiritismo fala mais à razão, esclarecendo a inteligência e ampliando os conhecimentos científicos e filosóficos acerca das cousas atinentes ao espírito; o Evangelho fala mais ao sentimento, à ética do bem viver, impulsionando o espírito para a aquisição das virtudes morais, tendo como colunas mestras a honestidade, a humildade e a fraternidade.

Tudo é Luz Divina que se projeta no setor evolutivo do nosso planeta em vias de grandes transformações sociais, intelectuais e morais. Ambas as doutrinas fazem parte integrante do grande Plano Divino da Evolução, e ambas se fundem pela mesma origem divina e pela mesma finalidade esclarecedora e evolutiva. Juntas realizam o grande e imperioso desideratum de amar a Deus sobre todas as cousas, com todas as forças da inteligência e do coração.

Essas duas doutrinas não de caminhar assim sempre unidas, em complementação recíproca; aliás, nem poderia deixar de ser assim, pois ambas são revelações da vontade do Criador. A primeira no setor moral-sentimental e através do Divino Rabi, e a segunda, no setor científico-filosófico, através do Espírito da Verdade que o Mestre suplicaria ao Pai e que habitaria com os homens da Terra para sempre, representando, pois, com Jesus e através d'Ele, a vontade do Criador novamente.

O Espiritismo e o Evangelho são as partes integrantes de um mesmo todo harmônico, de um mesmo corpo doutrinário que, refletindo o conhecimento e o sentido da Lei Divina, vêm trazer aos homens a verdadeira filosofia da Vida, o verdadeiro caminho da Evolução, a qual não significa senão, em última análise, a marcha da criatura para a perfeição do Criador, a adesão consciente, voluntária e progressiva da vontade do filho com a vontade do Pai.

O Espiritismo traz ao mundo espiritualista aquelas muitas outras verdades que Jesus prometera para o tempo oportuno, representando'Ele, pois, a continuação do Cristianismo e o seu natural complemento. Ao mesmo tempo, com as luzes que projeta no setor da ciência e da filosofia espiritualistas, vem libertar uma infinidade de expressões e de acontecimentos evangélicos que permanecem soterrados sob a forma da letra, não sendo devidamente interpretados, nem devidamente considerados. A doutrina é a mesma, e o seu mestre o mesmo.

(Segue na pág. 2)

Pensamento Cristão

O mundo é a materialização do pensamento divino e a natureza é o trono da sabedoria sem palavras em que as leis do Senhor se manifestam. Nós, criaturas do Eterno Pai — filhos de sua inteligência e do seu amor — somos igualmente co-criadores, no princípio inalienável da herança, e, por isso mesmo, o pensamento que alimentamos é força viva e aglutinante a modelar-nos o destino.

Antes da energia subatômica, possuímos o mundo das unidades-força, em que as linhas imponderáveis da criação espiritual se movimentam, precedendo à química celular e tecendo os fios sublimes da origem de nossas experiências...

Até agora, considerando a atualidade do cristianismo, embora os vinte séculos que lhe assinalam o berço, pensávamos em termos de violência, na disputa dos bens transitórios de nossa temporária residência na Terra... Até hoje, cultuamos o poder da astúcia, categorizando-o por exaltação do raciocínio e entronizamos a crueldade coroada de louros, interpretando os triunfos sanguinolentos do mundo, à conta de milagrosa soberania...

Jesus, porém, veio renovar-nos a vida mental, oferecendo-nos o verdadeiro caminho de ascensão à imortalidade redentora.

"Ajuda a quem te persegue. Perdoa setenta e sete vezes. Ora por aqueles que te caluniam. Dá sem esperar retribuição.

A quem te pedir a capa, oferece também a túnica. Segue dois mil passos com o irmão que te roga a caminhada de mil". A mensagem do Evangelho não é apenas o alicerce da religião universal do amor, mas também a base da ciência e da filosofia suscetíveis de realizarmos o soerguimento às Esferas Superiores.

Se procuras, pois, a porta de luz para que teus dias se afastem da sombra, levanta-te do vale em que as tuas idéias se cristalizam, no círculo vicioso das concepções retardadas que nos encarceram a alma nas grades escuras de velhas e perigosas ilusões...

Façamos de nossa indagação cultural serviço incessante no bem, conduzamos os nossos experimentos científicos na senda do aperfeiçoamento que nos cabe atingir e, elegendo no Pensamento do Cristo, o centro de nossa vida interior, estejamos convictos de que construiremos divino atalho no espaço e no tempo para alcançarmos, enfim, a felicidade impercível a que o Senhor nos destina em plena Glória Eterna.

EMMANUEL

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 14-8-53, em Pedro Leopoldo).

assistência permanente dos órgãos centrais da USE. Nem sempre podemos enviar oradores às suas semanas espiritas, nem sempre nos podemos fazer representar nas solenidades de inauguração de novas sedes. Muitas vezes, somos forçados a esperar dias e até meses para podermos atender ao pedido de uma cidade mais distante, no sentido de lhe enviarmos uma conferencista. Mas acontece que tudo isto depende de fatores alheios à nossa vontade. E' necessário que os oradores disponham de tempo para a viagem, e a consecução desse tempo, em São Paulo, é uma das coisas mais difíceis de se realizar. Não dispomos, como todos sabem, de pregadores profissionais, e nem podemos dispor de tal modalidade de propagandistas. Nossos oradores são pes-

soas ocupadas, cheias de responsabilidades várias, com a profissão e com a família. No geral, são pessoas pobres, e embora a USE se disponha a pagar as viagens, há sempre o problema do dia de serviço perdido e da licença necessária para se ausentarem do trabalho. Todas essas coisas devem ser pesadas pelos confrades do interior, quando notarem falhas e dificuldades da USE nesse setor, de tão grande importância para a vida doutrinária.

Às vezes confrades do interior e da capital acham que a USE está exigindo demais, ao enviar-lhes solos para a venda em suas cidades e bairros, exemplares de UNIFICAÇÃO para serem vendidos, e ao pedir-lhes a colaboração financeira. Mas como poderemos manter o movimento de unificação, senão apelando aos nossos próprios

recursos? O Espiritismo não tem e não proporciona fontes especiais de rendas. A única maneira de sustentarmos o nosso movimento é lançando mãos da boa vontade e da compreensão dos confrades. A USE, aliás, não exige nada de ninguém. Mas pede. E pede porque precisa. Não em seu benefício exclusivo, como entidade isolacionista, empenhada numa obra sua, mas em benefício do movimento espirita, em favor da obra comum da unificação. E dia a dia, como dissemos no começo, os fatos nos vão demonstrando quanto era necessário cuidarmos da unificação. Empenhamo-nos pois nesta tarefa que nos veio do Alto, que o Alto colocou em nossas mãos, demos-lhe todos os nossos esforços, toda a nossa compreensão, toda a nossa capacidade de convívio fraterno.

Vida Esperantista

Recebemos do nosso estimado Confrade Ismael Gomes Braga uma carta datada de 9 do corrente mês, em que o ilustre Esperantista, quicá o mais fervoroso e competente adepto da Língua de Zamenhof, tece ligeiras considerações a esta Secção, e, em particular, a uma notícia que demos no nosso número de agosto transato.

Publicamos abaixo a carta em apêrço, não só por vir de quem vem, mas também por conter notícias inéditas e de certo modo proveitosas para os Esperantistas em geral:

Prezados Confrades,

"Vida Esperantista"

Desejo felicitá-los pela excelente secção de seu apreciado órgão.

No número de agosto li interessantes referências sobre a cordialidade reinante entre católicos e espíritas no 13.º Congresso Brasileiro de Esperanto, realizado em Recife.

Não só católicos e espíritas havia no Congresso: lá se achavam igualmente protestantes, teosofistas, israelitas e ateus, todos em fraternal convivência, porque os congressos de Esperanto são neutros em religião e política.

O mais notável foi que no quadro do Congresso se realizaram duas solenidades religiosas e foram assistidas pela quase totalidade dos congressistas que por um momento esqueceram suas divisões de seita.

Houve missa na Matriz de Santo Antônio, onde o Padre Francisco de Barros Leal S. J. pregou em Esperanto sobre o Evangelho do dia — OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA — e uma sessão espírita evangélica, toda em Esperanto, na sede da Federação Espírita Pernambucana, sob a presidência do ALLAN KARDEC Afonso Costa, de Belo Horizonte, e estudou o mesmo ponto de Evangelho.

Assim os congressistas tiveram ensejo de ouvir o mesmo ponto de Evangelho comentado por um sacerdote católico e por pregadores espíritas.

Não está exata a sua notícia quando diz que o ilustre Reitor Padre Barros Leal S. J. tenha sido presidente daquele Congresso. Até agora, nenhum dos Congressos Brasileiros de Esperanto foi presidido por um sacerdote católico, o que eu realmente lamento.

O Padre Barros Leal S. J. foi um dos vice-presidentes do Congresso. Por imposição da Comissão Organizadora, quem presidiu o Congresso foi o seu obscuro confrade que subscreve esta.

Desejando o mais brilhante êxito à "Unificação", subscrevo-me

mui fraternalmente,

(as.) I. G. Braga

SEJAMOS "DE FATO" ESPERANTISTAS

MÁRIO RODRIGUES MONTEIRO

É certamente possível ser esperantista sem conhecer praticamente o Esperanto, assim como ser religioso sem professar nenhuma fé oficial.

Mas se a religiosidade, desacompanhada de certas obras cuja prática está nela implícita, pode parecer incompleta, também só o conhecimento e o uso do Esperanto é que complementam de maneira harmoniosa e natural uma disposição de espírito esperantista.

As atitudes puramente platônicas provêm da sobreposição, natural nos grandes espíritos, das idéias puras às formas de que elas na prática se revestem. A idéia pura, contudo, paira geralmente em alturas quase inacessíveis, e é necessário associá-la a uma estrutura palpável, para lhe conferir valor pragmático. Assim o entendia Zamenhof, o insigne criador do Esperanto. Professando o "Humanismo", doutrina sua de amor a toda a humanidade, achou indispensável vertê-la nos sulcos em que mais eficaz e livremente pudesse circular, para, numa fecundante irrigação, levar vivificante frescura a corações ressequidos ao longo duma existência excessivamente materializada e olvidados duma pureza e bondade pristinas.

A obra admirável com que o idealista Zamenhof verteu na matriz das formas concretas o fluido intangível da abstração é o Esperanto, e a ninguém deve admirar ver os esperantistas "em tese" se converterem, pela força obscura duma irresistível afinidade, em esperantistas "de fato", diante da esplêndida realidade do idioma internacional.

Como a experiência pessoal, pelo seu significado humano, é infinitamente mais expressiva do que qualquer pálida generalização, relatarei, o mais sucintamente possível, a maneira singular como me tornei esperantista. Talvez o exemplo frutifique em outros depoimentos interessantes...

Corria o ano de 1917, e ia em pleno fragor a primeira das duas grandes catástrofes da atormentada metade inicial do século, quando, certo dia, ao folhear numa coleção da revista francesa "Le Sais Tout", cujas gravuras sempre me fascinavam, me chamaram particularmente a atenção as relativas a certo misterioso crime que durante meses submettera a duras provas a sagacidade da polícia duma cidade portuária do sul da França.

Os meus nenhuns conhecimentos de então da língua de Ronsard não me permitiram desde logo ficar sabendo isso, mas as fotografias, entre as quais figurava a dum ancião de nobre semblante, o Dr. Zamenhof, interessaram-me sobremaneira, e assim, naquela noite, após o jantar, não descansi enquanto não aranjei à paciência de meu pai os fatos relacionados com as intrigantes ilustrações.

Tratava-se do assassinato, em enigmáticas circunstâncias, duma infeliz perdida, cujo corpo, privado de facadas, fora certa manhã encontrado num terreno baldio. Após poucos dias de pesquisas, numerosos indícios pareceram indicar a culpabilidade de certo jovem embarcadico, chegado pouco antes num vapor estrangeiro, mas que permanecera em terra, ao zarpar a embarcação rumo a outras paragens. O rapaz fora várias vezes visto em companhia da assassinada nos jardins e cafés da zona portuária. Diversas testemunhas se recordavam mesmo de tê-lo visto juntos, na noite do crime, em locais não distantes daquele em que fora encontrado o corpo. Do embarcadico, cujo aspecto lembrava um nativo duma dessas inumeráveis ilhas da Oceânia, nenhuma declaração foi possível conseguir: Não parecia entender o francês nem nenhuma das principais línguas orientais, e não foi possível, aos muitos intérpretes convocados ou voluntários, daquela e doutras cidades, compreender a sua língua. Como se isso não bastasse, de nenhum documento de identidade era o desconhecido portador. Sua surpresa e inquietação eram manifestamente imensas, ao ver-se subitamente privado da liberdade e submetido a contínuas interroga-

tórios, talvez nem sempre conduzidos com requintes de suavidade, pois suscitava-se obedecer o mutismo do forasteiro a calculo do sistema de defesa.

Assim, apesar da inexistência de flagrante ou de testemunhas oculares; malgrado não tivesse sido encontrada a arma do crime; embora se houvesse contra o preso provas circunstanciais, a situação deste na pouca a pouco se agravando. A polícia permitia, a todo estrangeiro que o desejasse, visitar o acusado e com ele tentar comunicar-se através das grades da cela. Esses visitantes, nenhum dos quais logrou fazer-se entender, apesar de numerosíssimos, pois a publicidade tonara o caso sensacional, eram unânimes em atestar o estado de profundo abatimento do jovem.

Certo dia, decorridos já meses, um desses visitantes, esperantista praticante, lembrou-se de levar ao prisioneiro, com o incrível consentimento dos contados, muitas dessas pequenas e admiráveis "Chaves do Esperanto", que, num opúsculo de 11 x 7,5 cm e 37 páginas, encerram toda a gramática da nova língua e seu vocabulário. Entre as "Chaves" do bem intencionado esperantista, havia-as das principais línguas do globo, assim ocidentais como orientais. Diante da ante-penúltima "Chave" luxu sábia chama, nos olhos de moço, que den sinais recementes de querer ficar com ela: Era a "Chave Malaia". O desejo foi, inútil é dizê-lo, logo atendido, e os dias subsequentes passaram-o o recluso, segundo o depoimento dos seus guardiães, imerso no estudo do opúsculo. Otto dias depois, com o auxílio da "Chave" e do providencial esperantista como intérprete, já pouco o estrangeiro, nascido, como se soube, na Insulândia, apresentar, ante a pasmada incredulidade dos seus inquiridores, num Esperanto ainda rudimentar, é certo, mas compreensível, um álibi que investigações posteriores provaram legítimo, e que o restituía a liberdade perdida.

Milagres, terminava a narração, duma língua cuja gramática, assimilável em uma hora apenas, consiste, no todo, em dezesseis regras sem exceções e cujo vocabulário, constante de 2.000 raízes, aproximadamente, pode, articulado com 35 afixos, interpretar as mais sutis nuances do humano pensamento.

O significado da curiosa narrativa, aqui tão fielmente sumariada quanto o permitem minhas esbatidas recordações, ficou profundamente gravado no meu cérebro infantil, e foi certamente então que se formou em mim a convicção, intransigente, mas inabalável, de bem valer a pena aprender esse idioma tão fácil, e capaz, com tão pequeno esforço, de produzir resultados tão belos como o de fazer resplandecer em todo o seu fulgor uma inocência!

Depois disso, muitos anos transcorreram, numa rápida e inflexível sucessão. Durante eles, confinado num acanhado ambiente provinciano, nunca mais ouvi falar no Esperanto, e numerosas impressões novas vieram superpor-se à deixada pela narração do velho "Le Sais Tout", porventura para sempre irremediavelmente esquecida. Mas um dia, um domingo, precisamente — lembra-me como se hoje fosse — li num matutino a notícia da inauguração, naquela mesma noite, dum curso de Esperanto para principiantes, por sinal num bairro longínquo, a vários quilômetros do centro da cidade. Uma força imperiosa, irremovível lá me levou, e comecei então a minha esperantização "de fato".

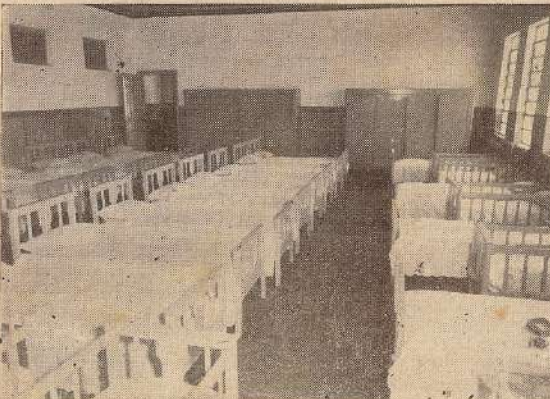
A semente não morrera, não caíra em gleba sáfara: Aguardava apenas condições favoráveis para germinar.

IX SEMANA ESPÍRITA DE BAURU

Realizou-se em Bauru, progressista cidade da Noroeste, de 26 de outubro a 1.º de novembro, a IX Semana Espírita, que contou com excelente programa litero-musical. Os Confrades Luiz Monteiro de Barros, Herculano Pires, Walter Acorsi, Romeu Campos Vergal, Emílio Manso Vieira, Anselmo Gomes, Altivo Ferreira e Emar Lima, discorreram, com a velha proficiência de sempre, sobre variados e oportunos temas doutrinários.

As conferências foram transmitidas pela PRG-8, Bauru Rádio Clube, a partir das 20,30 horas.

No dia 1.º do corrente mês, às 15 horas, foi inaugurado o novo edifício da "Sociedade de Proteção à Maternidade e à Casa Pobre". A grandeza dessa obra, inspirada nos mais puros sentimentos cristãos, está expressa nas fotografias aqui publicadas. Estão de parabéns os Confrades de Bauru.



DORMITÓRIO PARA MENINOS



REFEITÓRIO PARA MENINAS

S. P. M. C. P.

União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

A Secretaria Geral da USE solicita-nos a publicação da circular n.º 62, datada de 26-10-53:

"Aos Conselhos Regionais e Metropolitano As Uniãos Municipais e Distritais:

Paz e união em Cristo Jesus.

De acordo com decisões tomadas pelo Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 25 do corrente, solicitamos as seguintes providências:

1 — Estudo das possibilidades da realização de "Semanas Espíritas Regionais", no decorrer do próximo ano, independentemente das "Semanas Espíritas Municipais", que possam ser realizadas nas Cidades que ofereçam condições para a realização destas últimas.

As "Semanas Espíritas Regionais" devem ser realizadas, sempre que possível, na forma porque fora feita a "1.ª SEMANA KARDECIANA DO VALE DO PARAFIBA", isto é, uma solenidade por dia em cada Cidade onde existe UME, terminando na sede do Conselho Regional. Podendo também ser a inicial na sede do C.R.

Assim sendo, todas as Cidades da Região podem participar, ativamente, da "Semana Espírita Regional", constituindo essa modalidade um grande incentivo ao trabalho Unificador em toda a Região.

Dessa maneira, muitas Cidades que, presentemente, não podem realizar "Semanas Espíritas" locais, por falta de recursos, poderão, no entanto, participar ativamente de uma "Semana Regional", por se tratar de um único dia em cada Cidade da respectiva Região onde existe UME organizada.

2 — Os Conselhos e UMES, devem comunicar à D.E. da USE, com bastante antecipação, o mês em que pretendem realizar as "Semanas Espíritas", tendo em vista assegurar o êxito dessas realizações.

3 — Os Conselhos Regionais, UMES e UDES, a exemplo do Conselho Metropolitano, devem organizar seus Planos de Trabalho, a fim de orientarem suas atividades de maneira metódica e progressiva.

Esses Planos devem abranger as suas respectivas jurisdições e observar o dis-

posto nos Estatutos da USE, nos seus Regimentos Internos e no Plano Anual de Trabalho, estabelecido pela D.E.

4 — Os Conselhos Regionais e Metropolitano, deverão enviar um resumo de suas atividades à D.E. da USE, pelo menos 20 dias antes das reuniões do Conselho Deliberativo Estadual, a fim de que a Diretoria Executiva possa relatar essas informações, facilitando o estudo das providências a serem tomadas pelo C.D.E., conforme decisão anterior.

Esses relatórios dos Conselhos Regionais e Metropolitanos, devem ser baseados nos relatórios parciais fornecidos pelas UMES e UDES, respectivamente.

Esperamos que todos os órgãos da USE observem, com o devido carinho, estas deliberações, tendo em conta a necessidade de incentivarmos as nossas atividades unificadoras, consolidando, ao mesmo tempo, os órgãos constitutivos desta entidade, por meio do trabalho ativo, eficiente, planejado e mais ou menos uniforme".

* * *

Da Secretaria-Geral da USE recebemos a circular n.º 61, que transcrevemos abaixo:

"As UMES e UDES
Aos C.R.E. e C.M.E.

Prezados confrades:

Paz e união em Cristo Jesus.
Comunicamos que acaba de ser instalado em nossa sede social, o telefone 37-8637.

Por esse meio, podemos atender, com mais presteza, todas as questões que dizem respeito às nossas atividades.

O Expediente normal da Secretaria da USE é DAS 8 ÀS 18 HORAS, DIARIAMENTE, inclusive feriados, menos aos domingos.

O Secretário-Geral permanece na sede social, nos dias úteis, das 13 às 14 horas, sendo que aos sábados, das 13,30 às 14 horas.

O 1.º Tesoureiro atende ÀS 3as. e 6as. FEIRAS, das 14 ÀS 16 HORAS.

Pedimos transmitir esta comunicação a todos os Centros e Instituições congregadas, bem como aos confrades em geral".

CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL

Publicamos abaixo a súmula da Ata de reunião do Conselho Deliberativo Estadual, reunido no dia 25 de outubro de 1953:

"O CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL DA USE, reunido no dia 25 de outubro de 1953, tomou, dentre outras, as seguintes decisões:

1 — Publicar, pelo jornal "Unificação", uma série de artigos esclarecedores de princípios fundamentais da Doutrina Espírita, com rigorosa observância da Codificação kardeciana no seu conjunto, conforme o trabalho apresentado pela Diretoria Executiva para o exame do C.D.E.

2 — Enviar aos órgãos constitutivos da USE, aos Conselhos e às entidades inicialmente patrocinadoras do trabalho de Unificação espírita estadual, cópia do trabalho apresentado pelo Presidente da D.E., a respeito da conceituação do termo "Espírita", para efeito de estudo e apresentação de sugestões complementares ou modificativas.

3 — Elaboração de um trabalho intitulado "O que é a USE e como funcionam seus órgãos constitutivos", para o esclarecimento das Sociedades e Espíritas do Estado. O trabalho será elaborado pela D.E. e apresentado ao exame do C.D.E., recebendo as correções ou alterações dos conselheiros.

4 — Recomendar aos Conselhos Regionais Espíritas a conveniência da realização de "Semanas Espíritas Regionais", independentemente das "Semanas Espíritas Municipais" que possam ser realizadas nas Cidades que dispõem de recursos bastante para este fim.

Os Conselhos Regionais e Uniãos Municipais Espíritas, devem comunicar à D.E., com bastante antecipação, o mês em que pretendem realizar as respectivas "Semanas", enviando, ao mesmo tempo, esboço

do Programa para efeito de estudo e colaboração por parte da Diretoria Executiva.

5 — Recomendar aos Conselhos Regionais e Metropolitano, às UMES e UDES, a conveniência de estabelecerem seus Planos de Trabalho, baseados no Plano geral da D.E., tendo em vista que as atividades planejadas são mais proveitosas e asseguram certa continuidade no trabalho.

Os Planos de Trabalho dos órgãos da USE acima mencionados, abrangerão as suas respectivas jurisdições e terão em conta as suas possibilidades mínimas de realizações.

6 — Recomendar a organização da Mocidade Espírita no Estado, de conformidade com o trabalho relatado pelo Presidente da USE. Será enviada cópia desse trabalho a todos os órgãos da USE para efeito de aplicação, devendo os casos especiais serem comunicados à D.E. para efeito de estudo e solução satisfatória, respeitada a estrutura da USE.

O CONSELHO DELIBERATIVO ESTADUAL DA USE, tomou conhecimento:

a) das súmulas de Atas das reuniões do Conselho Federativo Nacional, realizadas nos meses de agosto, setembro e outubro do corrente ano;

b) do resultado da reunião de Diretores das entidades Federativas dos Estados de São Paulo (USE) Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, realizada no dia 23 de agosto p. passado, em Curitiba, quando acertaram pontos de vista sobre a Conceituação do termo Espírita";

c) dos relatórios do Conselho Metropolitano e do Conselho Regional Espírita da 1.ª Região;

d) dos relatos verbais de alguns Conselheiros Regionais acertando providências para o incentivo e consolidação do trabalho Unificador em diversas Regiões".

Espíritas: A USE é a expressão mais atualizada do Espiritismo kardeciano no mundo. Prestigiemos o seu órgão oficial, — "Unificação", tomando uma assinatura ou passando-a a outrem. Adquira o selo do mês, como contribuição à Unificação dos Espíritas.

DISPERSÃO DEMOGRÁFICA

GUTEMBERG FERNANDES

Da disposição demográfica, decorrente das circunstâncias indicadas e que o colono norte-americano soube sempre evitar, advieram-nos inúmeros males, entre os quais o maior foi o anotado por Sarmiento para idêntica situação nos pampas: "Onde localizar a escola, para que nela venham receber instrução as crianças disseminadas em dez léguas em redor, em todas as direções?". Podemos dizer, também, que, como a *montonera*, nos pampas, o cangaço, entre nós, foi um efeito dessa tenuidade do povoamento. Outro produto do mesmo mal tivemo-lo na tocaia e no "Jeca Tatu".

O sistema de aldeamento, preconizado por Nóbrega, evitaria o maior mal social de nosso país: o esgarçamento da população. Veja-se em Croce, Durkheim e Henri Berr, a importância desse problema.

Dir-se-á, porém, que o sistema de aldeamento, em grupos mais ou menos compactos, se evitava tantos males, por outro lado nos teria impossibilitado de operar o recuo do meridiano, o alargamento das fronteiras para as áreas transtordelidas.

parte, a orientação cristã dos Missionários, outras seriam as nossas condições atuais.

Não é, porém, chegado ainda o momento de retificar os nossos desvios. Conforme se lê no capítulo CXL de "Caminho, Verdade e Vida", o mundo ainda não pertence aos que querem construir, sim, aos homens da destruição. É preciso, primeiro, que maiores sofrimentos nos convençam a fundo de que a orientação hedônica da nossa história só nos trouxe males. Há mister que o joio atinja todo o seu crescimento, para que as más consequências da política anticristã se evidenciem inteiramente.

Quando estivermos cansados de sofrer os males decorrentes da falta de bases cristãs na nossa organização social, começarão a surgir do céu os líderes capazes de nos guiarem a portos diferentes.

Quem serão eles?

Serão os mesmos espíritos iluminados que no Brasil quincentista e seiscentista, lutaram por Cristo, entre nós e que, hostilizados e escarnecidos, aprisionados e, por fim, deportados, então, esquecidos de tudo o que sofreram, voltarão "sob novas modalidades", para pagarem com o bem o mal que receberam.

Enquanto eles não chegam, o estudo de suas inspirações, no passado, facilitará a compreensão do que irão fazer, na sua nova etapa, em terras de Santa Cruz.

O plano de aldeamento dos indígenas de que foi autor Manuel da Nóbrega e que, segundo Conreiras Rodrigues, serviu de modelo às missões jesuíticas do Sul, seria o sistema de povoamento indicado, em nosso País, desde o início da colonização, não só para os selvagens, como, com as modificações que se fizessem necessárias, para os portugueses e mamelucos.

Num pequeno folheto que publiquei, em 1939, com a exposição de um plano de colonização da Amazônia e num trabalho que tenho inédito, com o título "Ensaio sobre o problema da dispersão demográfica nacional", escrito em 1947, antes de conhecer o plano de colonização de Manuel da Nóbrega, insisti nos seguintes pontos de vista:

1.º — o mal social n.º 1, no Brasil, é a dispersão demográfica;

2.º — a causa dessa dispersão incrível foi a orientação colonizadora do português, que, desde o início da colônia, só pensou na riqueza feita, não, em criar a riqueza, o que o levou a desgarrar-se, na corrida febril e alucinada, para o preamento dos índios e conquista dos tesouros;

3.º — essa tendência econômica do português adveio-lhe do sangue árabe e fenício (semita, em geral), porque esta raça semita, dada as condições áridas da Arábia, seu *habitat* originário, sempre viveu apenas do comércio, jamais podendo dedicar-se a criar riquezas".

Personalidade: Fruto da Herança ou de Vidas Passadas?

ARY LEX

A diferença básica entre as escolas materialistas e as espiritualistas reside no fato de as primeiras não aceitarem, como as segundas, a existência de um espírito independente do corpo, capaz de conservar sua individualidade após a morte deste. Para os materialistas, a alma nada mais é que o conjunto dos "fatos de consciência", representados essencialmente pelos fenômenos afetivos, volitivos e intelectuais. A alma, segundo essa concepção é uma função do corpo, não tendo existência independente e não sobrevivendo à morte deste. Dessa forma, como não se admite uma alma que preexistia ao corpo físico, considera-se a personalidade como sendo formada exclusivamente por meio de hereditariedade, isto é, o indivíduo receberá dos pais todos os caracteres, tanto físicos como mentais.

Os defensores dessa teoria genética esclarecem ainda: esse tipo de transmissão hereditária não implica que o filho tenha caracteres físicos ou intelectuais que sejam a soma ou a média dos caracteres paternos.

Como se sabe que os fatores hereditários (chamados "gens") estão localizados em pequenas partículas da célula — os cromossomos —, serão estes que, unindo-se aos provenientes do outro genitor, determinarão as qualidades do novo ser. Esta combinação de cromossomos é regulada pela lei das probabilidades. Conforme o aproveitamento desta ou daquela célula reprodutora, assim se transmitirá ao filho esta ou aquela qualidade.

Pois bem, aí está, muito resumidamente,

a explicação materialista da herança dos caracteres. Tem ela um fundamento sólido, por ser baseada na experimentação, porém fracassa em muitos casos, como quando tenta explicar a eclosão de faculdades extraordinárias, em seres nascidos de pais incultos. Nesses casos, como não houve ascendente algum que possuísse tais qualidades, não é possível que tenham elas sido herdadas desse ascendente, após ficarem em latência durante várias gerações. São esses os casos em que a explicação espírita se impõe nitidamente.

Ao contrário das doutrinas materialistas, a corrente espírita admite a alma como um ser imortal, independente do corpo, estando nela encarnada apenas durante períodos de sua vida eterna. E' no corpo que consegue aprimorar qualidades, vencer defeitos, ganhar conhecimentos. Nesse corpo ela vibra e geme; ri e chora; explode em cânticos de alegria, porém mais vezes seus lamentos são de dor. E' no corpo que a alma evolui, constituindo êle a clausura indispensável para o seu aperfeiçoamento. Durante a encarnação, permanece o espírito perfeitamente identificado com o corpo. Assim as dores físicas, atormentando o corpo, flagelam a alma. Mas, embora determinem momentos atroz, elas, as próprias dores, irão desenvolver mais tarde em florações maravilhosas de virtudes e de saber.

De acordo com essa concepção, que admite o espírito como responsável pelas ações e pensamentos do homem, as qualidades deste não são herdadas dos pais e sim elaboradas durante o passado desse espí-

rito. A nossa personalidade de hoje representa o efeito do que fomos em existências transatas. No nosso perispírito estão indelévelmente estereotipadas as nossas conquistas de outrora, as nossas tentativas, vícios e conhecimentos. Cada sofrimento que assoberbou nosso ser nêle deixou gravado um sulco profundo, como marco da nossa alma. Vencidos ou vencedores, nossos sentimentos se sedimentaram nos escaninhos do espírito, contribuindo para constituir nossa personalidade de hoje. As conquistas de nossas vidas passadas não foram perdidas. Não houve anulação, com a morte, daqueles conhecimentos tão duramente obtidos. Permaneceram, vivos e duradouros, nos refulhos do nosso ser, facilitando-nos novos aprendizados, novos cabedais de cultura. Podem não se revelarem totalmente, mas sempre se manifestam, seja na facilidade com que a pessoa aprende certos assuntos, seja na sua norma de conduta.

Como se explica a existência dessas crianças prodígios, que aos seis ou oito anos executam óperas, compõem poemas ou discutem filosofia? Não é na herança das qualidades paternas que encontraremos a explicação, pois freqüentemente os pais e avós desses gênios são indivíduos medianamente cultos, quando não ignorantes de todo.

Das explicações, indubitavelmente a mais racional é a espírita. Esses seres prodígiosos, esses gênios, não ganharam tais aptidões gratuitamente, herdando-as dos pais ou recebendo-as, ao nascer, por dádiva celeste. Isso demonstraria simples-

mente injustiça divina, por tão mal partir os dotes, permitindo Deus que uns nascessem coxos, surdos, cegos, mudos ou idiotas, enquanto outros trazem à vida imensas possibilidades físicas e intelectuais. Para quem crê numa justiça divina infinita, não pode ser tomada em consideração tal idéia. Deus não poderia destinar, sem culpa ou mérito, uns à podridão da miséria, e outros aos esplendores da felicidade.

Esses seres, se têm faculdades maravilhosas, é porque souberam conseguí-las; souberam, através da dor e do esforço, plasmar sua própria personalidade. Suas faculdades não são dádiva recebida por sorte e sim a expressão do seu aperfeiçoamento espiritual.

Não há esforço vão. Nenhuma luta é improfícua.

A mesma sábia providência que leva os protozoários a buscar seus meios de subsistência, que zela pela integridade de todos os seres, faz com que todas nossas ações imprimam modificações em nosso ser. Assim, nós somos hoje aquilo que quisemos ser. Se somos infelizes, não culpemos Aquê que nos proporciona todos os meios de progresso. Não culpemos os outros por estarmos sofrendo a consequência de nossos próprios atos passados. Da justa compreensão da causa das misérias e lutas desta existência dimanará uma suave resignação e, ao mesmo tempo, sentiremos, dentro de nós, a vontade de evoluir, praticando o bem e considerando todos os homens como irmãos, companheiros da mesma jornada.

INGLATERRA

Curas mediúnicas de animais

As curas mediúnicas de animais, a bem falar, não constituem nenhuma novidade na praça espírita. Já de longa data elas vêm sendo praticadas, ora recebendo esse nome, ora aquele, ora outros mais — muitos deles extravagantes e às vezes insólitos. Mas nunca deixaram — nem deixam de se realizar.

Lafontaine magnetizava cães e leões e os tornava insensíveis a picadas e pancadas. E sarava animais. Certa vez, em Caen, curou, com três sessões de passes, um cavalo que tinha uma perna inchada na qual, em consequência da inchação, havia uma protuberância do tamanho de um ovo.

O Dr. Edouard Bertholet, de Lausanne, curou, pelo mesmo processo, um gato cujo pé trazeiro era fraturado.

Raoul Montandon nos conta que Théo Matthys curara, depois de pacientes sessões de passes magnéticos, um soberbo exemplar de cão flamengo, que tinha uma das patas quebrada.

Quem não conhece as curas supranormais rústicas, a que alguns autores fazem referência, como René Trintzius? O Sr. de Cressac (Bertrand?) possuía um cachorro com verrugas no focinho. Um caboclo qualquer, desses a quem costumamos dar o nome de *mandingueiro*, lhe garantiu que, dentro de alguns dias, as verrugas haveriam de desaparecer, o que realmente aconteceu.

O Dr. Ottavio Barbisio apresentou, na reunião interregional da *Società Italiana di Metapsichica*, realizada no dia 7 de outubro de 1948, em Milão, uma tese sobre radiações humanas (*Cenni su esperimenti di radiazioni humane*). Ai êle relata as experiências levadas a efeito com vinte e duas cobaias, nas quais fez incisões cutâneas. Entre as que foram tratadas com passes (*con irradiazioni delle mani*) e as que o não foram, as primeiras apresentaram sempre uma cicatrização mais rápida e melhor (*presentarono sempre una più e migliore cicatrizzazione*).

Nada disto para o Espiritismo é novidade. Essas curas dinâmopsíquicas, como lhes chama René Kopp, ou paranormais, como diriam outros, ou mediúnicas, como diremos nós, têm a sua razão de ser. Os Espíritos se valem de todos os meios para a prática do bem. Quando se manifestam no ambiente humano, o fazem com a ajuda de uma força tirada dos médiuns e dos assistentes. Essa força tem diversos nomes, como *força ódica*, *magnética*, *nêutica*, *etérica*, etc.

PELO MUNDO

As curas através do fluido magnético têm o nome de efluvioterapia, oterapia, magnetoterapia e outros mais, que não vêm ao caso.

O magnetismo é o aproveitamento, sob o nome de fluido, da força psíquica que os homens, em maior ou menor grau, possuem, e a "vontade de aliviar, de curar" — conforme acentua Léon Denis — comunica ao fluido magnético propriedades curativas.

Mas esta digressão vem apenas a propósito da notícia dada pelo semanário espírita inglês *The Greater World* (O Mundo Maior) no seu número de agosto do ano em curso.

O nosso estimado confrade Sr. Max Kohleisen teve a gentileza de recortar a notícia, traduzi-la e não-la enviar para apreciação. Trata-se de curas mediúnicas de animais, produzidas por intermédio do Sr. G. W. Tomkins. E' de fato um caso digno de mais um registro e de maior divulgação. Ai, com os nossos agradecimentos ao tradutor, vai êle, sem tirar nem pôr:

Mais uma forma de Mediunidade — CURANDO OS ANIMAIS —



Extraímos um interessante relato do semanário espírita inglês — "The Greater World" — (O Mundo Maior) editado em Londres em 1.º de agosto de 1953, referindo-se à cura espiritual dos nossos irmãos inferiores, os animais.

Ninguém ignora que os ingleses estimam e tratam muito bem os animais, pois para isso possuem muitas clínicas, hospitais modernos e mesmo cemitérios (muitíssimo bem tratados) exclusivamente para animais.

Surgiram agora na Inglaterra médiuns curadores, especialmente para os animais. Eis a tradução, como nos relata o Sr. G. W. Tomkins:

"Ao entrar no Espiritismo, há 25 anos, os meus Guias Curadores, aos quais obedeco, me advertiram que havia de exercer curas em uma forma especial. Depois veio a mensagem: "Você vai curar animais". — Em menos de uma semana depois desta mensagem, apareceu o meu primeiro paciente, um "Pekinese" de nome Susan, com séria enfermidade do coração. Susan foi tratada sem sucesso por cinco médicos veterinários e tem sido sustentada por meio de injeções de digitalis. Entra então no tratamento o meu Guia. Ordenou que mais nenhuma injeção fosse aplicada e, quando Susan foi trazida na semana seguinte pela sua dona, ela explicou que o animalzinho não teve mais nenhum ataque. Depois de mais alguns dias de tratamento encontrou-se curada e grande foi a surpresa dos veterinários, não querendo êles acreditar que se tratava do mesmo cão.

Desde então começou uma afluência constante de animais para o meu pequeno Santuário, e estas curas cresceram, desde alguns poucos, até finalmente de muitos milhares (em 25 anos).

Considerável parte das curas são efetuadas à distância, e divulgaram-se pelo mundo, pois pelo correio recebem cartas de todas as partes do globo.

Em geral, não é conhecido ainda que o Poder Divino de Deus de curar é aplicável também aos animais. Mas as provas se evidenciam no volume da correspondência recebida, reportando sobre melhoras e curas não somente em gatos e cachorros que representam a maioria, mas sim também em cavalos, vacas, porcos, cabras, macacos, tartarugas, muitas espécies de pássaros, araras, canários, pintos, perus, etc. e até mesmo em peixes (de aquírio).

Acho que os animais possuem bastante psiquismo; percebem que lhes é dado auxílio e muitas vezes sentem antes de nós a presença dos Guias curadores! Num instante os animais correspondem aos pensamentos e vibrações de amor em seu redor, e durante todo o correr dos anos que trato os animais, nunca fui mordido, mesmo nem por aqueles que me foram recomendados como sendo bravos e violentos.

Um cavalo de corridas na Irlanda teve um tendão seccionado na pata dianteira esquerda durante uma corrida. Tratei-o e foi curado sem operação, embora os médicos veterinários tivessem assegurado que nada podia ser feito no caso. Um cão com a bacia (pêlvix) fraturada por um auto, foi abandonado sem esperanças pelos veterinários, mas eu obtive a cura em poucas semanas, pois êle chegou a correr, subindo as escadas! Um gato, com a omoplata fraturada, foi abandonado pelos médicos veterinários; entretanto, em 15 dias já estava são, curado a distância. Um cavalo com o pulmão arrebatado e já em começo de deterioração, teve a cura em dois meses, deixando os médicos veterinários estupefatos com o caso. Uma vaca, tendo engolido um pedaço de arame farpado, precisava ser operada, mas foi salva por mim sem operação. Um cavalo ficou com a laringe paralizada, sendo dado como caso incurável pelos médicos. Depois de algumas semanas deixei restabelecido o animal, e de tal forma que participou das corridas com a respiração perfeita e sem qualquer outra novidade.

Desta forma tenho conseguido grande número de curas, e guardo tudo bem documentado com as assinaturas dos donos dos animais.

Assim é o Poder Divino de Deus das curas, administrado pelas mãos carinhosas dos Espíritos e, quero frisar aqui, que não aceito pagamento de espécie alguma em troca das curas; só agradeço a Deus pela preferência de eu servir como instrumento do Poder Divino Espiritual.

Nem todas as curas se resumem só aos animais. Muitas vezes os seus donos necessitam também de cura, e tive marcantes sucessos em casos de curvaturas da espinha, pernas imobilizadas, paralisia, pólio, câmboras etc., curas pelo contato e à distância".

A EVOLUÇÃO DE RICHEL RUMO ÀS CONVICÇÕES ESPÍRITAS

Resposta concludente dos fatos aos que insistem em negar, ao fundador da Metapsíquica, as convicções espíritas da existência, da sobrevivência, da comunicabilidade, e, até mesmo, da reencarnação dos espíritos

Escreveu o Sr. Henri Blondel, há tempos, na "Revue Spirite", um artigo intitulado "Charles Richet était-il spirite?", no qual concluiu por uma resposta inteiramente favorável a esta pergunta, considerando Richet como um homem que se tornara espírita, diante da evidência dos fatos. Estaria certo o Sr. Blondel? A todo momento pessoas que discordam do Espiritismo se levantam nas cátedras, ou publicam artigos em jornais e revistas, ou afirmam em seus livros, que o grande fisiologista e médico francês era antiespírita. Dizem mesmo que o "Tratado de Metapsíquica" é uma espécie de refutação científica do Espiritismo, e a teoria das vibrações do éter, enunciada por Richet, de maneira muito vaga, na sua conferência de despedida da cátedra da Faculdade de Medicina de Paris, uma confirmação de que o sábio não se curvara diante da "teoria espírita", para usarmos a expressão de Bozzano.

KARDEC E RICHEL

No "Tratado de Metapsíquica", realmente, Richet coloca o problema das manifestações espíritas em terreno puramente materialista. Não obstante apresentando os fenômenos de criptestesia e ectoplasma como cientificamente comprovados, éle entende que outros fenômenos dependem de novas experiências, e que nenhum deles deve ser atribuído à manifestação de Espíritos. Chega mesmo a dizer que Allan Kardec era dotado de "credulidade exagerada", e a criticar a filosofia espírita como absurda, porque baseada "no absurdo" das comunicações de entidades extracorpóreas. Apesar disso, reconhece a grande contribuição de Kardec para o estudo do assunto, louva-lhe o zelo e a dedicação, e reconhece ainda que o mestre se baseava sempre na experiência, andando, dessa forma, lado a lado com a ciência, na busca objetiva da verdade.

CONFIRMAÇÃO PRÁTICA

De que valem, porém, as opiniões cautelosas de Richet, diante da avalanche de fatos, e portanto de provas, por éle reunidos naquele livro, fruto de mais de vinte anos de estudos e pesquisas pacientes do, talvez, maior cientista da época? O próprio Richet deixa entrever que a sua opinião é muito falha, insuficiente, diante da evidência gritante dos fatos por éle observados. E' assim que, instado pelos discípulos e colegas, propõe timidamente a teoria das vibrações do éter, e diz que se trata apenas de uma teoria provisória, uma simples hipótese de trabalho, para o prosseguimento da sua tarefa.

Percebe-se que o grande sábio já estava convencido de que a verdade se encontrava do outro lado, justamente daquele lado que éle não queria aceitar. Entretanto, como os seus colegas de ciência continuavam empolgados pelos mesmos preconceitos, cuja força éle tivera de conhecer em si mesmo, impedidos de aceitar a clareza e a simplicidade naturais da explicação espírita, Richet faz uma última concessão, acenando-lhes com a teoria das vibrações. O seu receio maior, por certo, era de que os cientistas, sem uma hipótese materialista em que se apoiar, abandonassem o campo, voltassem as costas à verdade maravilhosa que éle havia estudado com tanto carinho e com tantas esperanças.

A CARTA A BOZZANO

E tanto assim é que, logo mais, o grande sábio endereçava a Ernesto Bozzano aquela carta que se tornou célebre, conhecida no mundo inteiro, depois da divulgação que lhe deu o "Psychic News", de Londres, em seu número de 30 de maio de 1936. Nessa carta, que o Dr. Sérgio Valle incluiu no seu livro "Silva Mello e os seus Mistérios", Richet declara francamente a sua adesão à "hipótese espírita". Bozzano lhe havia escrito, "expressando-lhe, com certa timidez", segundo as suas próprias palavras, a esperança de que determinado termo de uma carta anterior quisesse dizer mais do que parecia. E Richet respondeu-lhe da seguinte maneira afirmando a esperança de Bozzano: "E agora, abro-me a você, de modo absolutamente confidencial. O que você supunha é verdade. Aquilo que não alcançaram Myers, Hodgson, Hyslop e sir Oliver Lodge, obtive-o você, por meio de suas magistrais monografias, que sempre li com religiosa atenção. Elas contrastam, estranhamente, com as teorias obscuras que atravancam a nossa ciência. Creia, peço-lhe, nos meus integrais sentimentos de simpatia e gratidão".

Como se vê, o sábio se rendeu à evidência dos fatos, e agradece ao seu amigo Bozzano a ajuda que lhe deu, com suas "magistrais monografias", para livrá-lo das torturas da dúvida científica, ou melhor diríamos, da dúvida materialista, que tanto o atormentara.

A CAIRBAR SCHUTEL

A carta a Bozzano teve divulgação internacional, publicada que foi num jornal de grande circulação, como o "Psychic News". Além disso, a importância das circunstâncias que a rodearam, o valor científico do destinatário, largamente conhecido e respeitado nos meios científicos da Europa, contribuíram para que ela repercutisse por toda parte. Há pouco, porém, o sr. Italo Ferreira, ex-prefeito de Matão e discípulo de Cairbar Schutel, a pedido do cronista espírita irmão Saulo, do "Diário de São Paulo", descobriu naquela cidade, em mãos da Sra. Antônia Perches Campelo, uma das continuadoras da obra de Schutel, o fac-símile de uma carta de Richet ao fundador de "O Clarim". Nessa carta, agradecendo um livro que Schutel lhe enviara, Richet confirma a sua crença na sobrevivência, de maneira eloqüente e inegável.

Vejamos o trecho em que o faz, e que reproduzimos também em fac-símile, com a própria letra e assinatura do sábio francês. E' o seguinte: suas vacilações, como é explicável a

*Merci, cher Monsieur, de votre lettre
Comme vous avez raison d'étudier le
mystère de la mort et de la vie et de
chaque
Mors janua vitae
A son protégé
Charles Richet*

"Merci, cher Monsieur, de votre lettre. Comme vous avez raison d'étudier le mystère de la mort et de la vie et de chaque Mors janua vitae". Esta última frase, em latim, traduz-se por "A morte é a porta da vida".

VALOR DOCUMENTAL

Essa carta, divulgada em fac-símile na "Revista Internacional do Espiritismo", número 6, a 15 de julho de 1936, confirma plenamente a dirigida a Bozzano. A diferença de data na publicação de ambas é pequena, mostrando que o estado de espírito de Richet era exatamente o que revelara ao seu amigo Bozzano, de maneira confidencial. O valor documental dessa carta de Richet a Schutel é portanto inegável. Podemos juntá-la às provas de que até agora dispomos sobre a conversão de Richet à realidade da explicação espírita dos fenômenos.

CRENÇA NA REENCARNAÇÃO

Na mesma oportunidade, o Sr. Italo Ferreira entregou a irmão Saulo um volume da novela de Richet, "A porta do mistério", escrita após o "Tratado de Metapsíquica", e editada pela primeira vez, antes da edição francesa conhecida, numa tradução da Sra. Virginia de Castro e Almeida, em folhetim numa revista portuguesa. Dona Antônia Perches Campelo, que recortou e colecionou o folhetim, guarda êsse exemplar valioso.

"A Porta do Mistério" é uma novela reencarnacionista. Richet diz que se trata de simples fantasia, mas acrescenta: "Os estranhos fenômenos que se registram nesta narrativa estão em rigorosa conformidade com certos fenômenos verdadeiros". E logo mais, acentua: "E, seguramente, uma ficção, mas toda essa ficção está cravejada de verdades desconhecidas". Mais adiante, ainda, afirma: "Apesar da ousadia dêste livro, estou convencido de que os bisnetos dos nossos bisnetos — e isso não fica muito longe — me acharão prudente demais. A minha audácia de hoje será então quase uma imperdoável timidez".

Note-se que Richet afirma a existência de "verdades desconhecidas", de que a sua novela está cheia, e termina prevendo aquilo que realmente já acontece, em nossos dias, quando tantos espíritas não lhe perdoam a timidez com que enfrentou os preconceitos científicos da época. Êsse profácio não é uma profecia, porque é uma previsão matemática. Richet, convencido da realidade da sobrevivência e da comunicabilidade dos espíritos, convencido da existência da lei da reencarnação, sabe que os poderes o julgarão com rigor, pois não poderão compreender a tremenda complexidade das malhas em que éle se encontrava, no meio científico da época. Mas como são perdoáveis as suas vacilações, como é explicável a

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

J. Herculano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

riências e os estudos que o levaram à convicção espírita dos seus últimos dias!

NECESSIDADE DE RELIGIÃO

Aliás, segundo se depreende das afirmativas contidas em seu último livro intitulado "Au secours", Richet acabou por reconhecer a necessidade de uma Religião científica que nasceria dos estudos sobre a sobrevivência. Eis algumas de suas expressões: "Em geral, essa transformação moral que as ciências não nos podem oferecer, as religiões pretendem ocasionar e proclamam a fraternidade sem, contudo, a praticar. Esperemos pelo mundo novo que entrevemos em nossos sonhos do porvir, ali pelos 2035... 20350... 203500... que sei eu? Conhecerá éle uma nova religião? Racionalista inveterado, vejo-me obrigado a testemunhar que foi sempre uma religião que dominou os homens. E religião é crença em forças morais que excedem as forças materiais"... "Como sou audacioso, afirmo que a humanidade necessita de uma religião, de uma adoração que não seja a do dólar, e afirmo também que as concepções da humanidade futura alcançarão muito além da explicação material e mecânica das coisas que nos surpreendem. A vida não valeria o trabalho de ser vivida se tivéssemos somente o nosso corpo, mais ou menos infecto, para fazer viver, com suas enfermidades inelutáveis, debilidades e senilidades..." "A crença na imortalidade é a base fundamental de todas as religiões". "Que os deuses imortais nos preservem de traçar os lineamentos dessa religião futura; no entanto, no amontoado confuso das ciências metapsíquicas, há alguma coisa que nos permite nutrir esperanças. Essa nova religião que pressinto nos sonhos vaporosos de minha imaginação, não será pregada por um Moisés, um Cristo, um Buda, um Maomé. Não terá Messias, nem profetas, mas, ao contrário das demais religiões, suas bases serão científicas. O inabitual e o imprevisível serão admitidos pela ciência".

ÚLTIMAS CONVICÇÕES

Aí estão as últimas convicções do grande sábio e fundador da Metapsíquica. A sua declaração está enfática: "Afirmo também que as concepções da humanidade futura alcançarão muito além da explicação material e mecânica das coisas que nos surpreendem". Éle quer se referir, evidentemente, à explicação espiritualista, não só dos fenômenos metapsíquicos, mas da própria vida e de sua razão de ser. A vista do exposto conclui-se que, se Richet começou quase que antiespírita, éle acabou quase que integralmente espírita.